

# AMERICANIZADO

(Júlio B.)

## I. PRA TODO LADO

Meus amigos que acham que sabem tudo de música acham um absurdo eu não gostar do João Gilberto. É como se eles se incumbissem, em nome dos seus próprios umbigos, do poder de dizer com autoridade de peritos o que é o belo da música. Qualquer opinião que não coincida com a deles é opinião de principiante. É como se bossa nova fosse a unanimidade a ser observada, e eu o distraído. Se há uma coisa que me irrita é quando querem me convencer de que meu gosto deveria ser outro. E depois me chamam de arrogante! E me disseram que se eu fosse pra Nova York, eu ia ver o quanto a bossa nova é reverenciada por lá. Mas, no meu quarto, no meu computador com Windows pirata, sentado na minha cadeira fuleira (que é onde passo a maior parte do meu tempo), eu ouço Beatles. Alguém já me chamou de americanizado por causa disso. Mas, ei, os Beatles são ingleses!

Eu escrevi um romance cujo protagonista se chama John. E, em algum momento do livro, faço uma piadinha zoando os puritanos da língua portuguesa que acham que nomes de personagens no Brasil só devem ser em português. Uma personagem até pergunta ao John se o nome dele na verdade seria João, e se ele usaria o John apenas para parecer americanizado. Tempos depois, estava eu contando em linhas gerais o enredo do romance para uma pessoa muito entendida em literatura. Mal comecei, só precisei dizer o nome do protagonista para essa pessoa me sugerir uma coisa: mudar o nome do John para João. Puxa, esse é o tipo de coisa que me tira o tesão de escrever histórias, quando alguém está mais preocupado num romance com o uso de nomes na língua em que ele foi escrito.

Ontem eu estava na casa de um amigo que vai se mudar. Era algo parecido com uma despedida. É bem triste quando os bons amigos se mudam. Também estava lá uma amiga deles, que eu nem conhecia, e que era metida a entender tudo de cinema. Ficamos vendo os DVDs na estante, e ela ia comentando quais ela também compraria. Não sei se ela era só mais um desses frutos de resenhas, você sabe, esses jovens antenados, cujos gostos são retirados do que lêem na internet, ou nas revistas especializadas. Bem, não sei

se ela era só mais uma dessas pessoas, mas até que nossos gostos combinavam um pouco. Mas quando eu falava que havia gostado de um filme é porque eu havia de fato assistido e gostado. E quando o filme sob julgamento acabou sendo um filme brasileiro, ela disse que não compraria. Eu havia visto o filme e gostado. Então, só pra comentar algo, eu disse que havia achado bem divertido. Mas ela encerrou a conversa dizendo que não gostava de filmes nacionais. Entende? Ela nem tinha visto o filme! Era nacional e então ela não gostava.

Foi aí que me lembrei da pessoa que criticou o nome do meu personagem sem ao menos escutar o enredo do livro. Sabe, eu sempre me indago se os meus amigos que dizem gostar do João Gilberto realmente já ouviram a obra dele, ou se conhecem apenas Garota de Ipanema, mas afirmam que ele é um gênio porque ele é brasileiro e muito respeitado pela crítica, principalmente nos Estados Unidos.

## II. AMERICANOFÓBIA

Quando eu era criança, gravei uma fita k7 com uma seleção de músicas que estavam fazendo sucesso na época. E tinha uma do Michael Jackson, "Black Or White". Que música! Até hoje, quando ouço, acho uma música do caralho. Bem, todo mundo me vê como um roqueiro, por causa dos Beatles, do cabelo grande de metaleiro, das minhas camisetas de banda. Logo, supõem que eu deveria odiar o tal rei do pop, como se fosse impossível gostar das duas coisas. Mas eu não dou a mínima. Acho essas pessoas que se limitam a gostar apenas de um tipo de coisa um saco! Sempre gostei de algumas músicas do Michael Jackson, e não é porque agora ele está todo deformado, porque trocou de cor (preto ou branco, tanto faz), ou porque o que ouço mais são bandas de indie rock, não é por isso que vou ser hipócrita e dizer que não gosto mais das músicas dele. Isso é uma coisa que realmente me deprime, pessoas que se modelam para encaixar em seus grupinhos. Suas tribos... arg!

Mas, voltando ao Michael Jackson, eu estava ouvindo um dia desses o Caetano Veloso cantar uma versão de "Black Or White", e depois emendar com uma música dele, chamada Americanos. Bem, o trecho de Black Or White que ele canta até que ficou bem bacana, parece ao vivo, e bem acústico, só violão e umas percussões tímidas. Aí, de repente entra um monte de instrumentos, bem baianos, e ele começa a cantar a música dele, que é bem divertida. Fala com muita ironia dos americanos. Ouça um dia, se tiver oportunidade. Tem uma hora que ele diz: "Americanos são muito estatísticos, têm gestos pífiros e sorrisos pífidios, olhos de brilho penetrante que vão fundo no que olham, mas não no próprio fundo. Os americanos representam grande parte da alegria existente neste mundo".

Aí, no mesmo dia, eu ouvi "I'm Afraid Of Americans", com David Bowie e o Trent Reznor. Isso realmente me intrigou. Não, não. O que me intrigou não foi ouvir essas duas músicas no mesmo dia, nem mais essa parceria do Bowie, mas sim a coisa anti-americanos que vem se espalhando por aí há algum tempo. Sabe, desde o atentado lá nas Torres Gêmeas eu tenho reparado que muitas pessoas ficam contentes com a desgraça dos sobrinhos do Sam. Na verdade, muitas pessoas já demonstravam esse sentimento mesmo antes dos atentados no WTC. Mas é que eu só comecei a reparar a partir de então. Agora, é bem nítido que há uma grande aversão irracional aos americanos em vários lugares do mundo.

Outro dia desses, um amigo passou meu telefone para uma americana que veio passar um tempo aqui na cidade onde moro. Ele passou meu telefone porque ela não conhecia ninguém, e é sempre bom ter um número telefone pra se ligar quando se muda para uma cidade onde não se conhece ninguém. Estávamos a combinar um encontro e ela me pediu pra sugerir o lugar, afinal, eu conhecia mais a cidade. E a mensagem dela terminava mais ou menos assim: "qualquer lugar, menos shopping, porque APESAR de ser americana, eu não gosto de shoppings". O "apesar" com letras maiúsculas é só pra realçar o motivo de eu ter contado isso.

Vejo muitas pessoas falando que querem morar fora do Brasil um dia, mas em qualquer lugar do mundo, menos nos Estados Unidos. Já ouvi um cara falando que todos os americanos deviam morrer, exceto os artistas de rock que ele gosta. A mãe de um amigo meu disse que a gente devia pegar todos os americanos e dar uma boa surra, tudo porque ela leu um e-mail com as atrocidades que "eles" vêm cometendo ultimamente. É a americanofobia, minha gente! É bem verdade que "eles" dão motivo. Coloquei o "eles" assim, entre aspas, porque não sou do tipo que gosta de generalizar. Se há alguma coisa que me deixa mal é ficar generalizando as coisas, quando sei bem que sempre há tantas exceções. Alguns americanos, principalmente os que governam o país, dão motivos de sobra para que seu povo seja odiado mesmo. As guerras, as desculpas esfarrapadas, o nariz onde não é chamado, a mídia de massa, os acordos comerciais vantajosos para um lado só, os livros de geografia, a invenção do avião, a indústria da música e do cinema, a Coca-Cola, o McDonalds. Sim, eu entendo um pouco a aversão aos americanos, e até confesso ter um pouco.

Mas você há de convir que também há americanos do bem, não é? Mesmo sem nunca ter ido lá, conheço muito americano legal. Sim, também conheço muito americano tapado. Mas também não há pessoas legais e tapadas aqui no Brasil? E não seria assim em qualquer outro lugar do mundo?

### III. IMAGINE NÃO HAVER FRONTEIRAS

Eu sempre fico pensando na época em que o mundo não era tão burocrático, tão cheio de convençõezinhas medíocres. Um cara podia simplesmente sair andando e ir pra onde ele quisesse. Dizem que foi assim que os índios vieram parar na América. Vieram andando pela Ásia, e atravessaram o Estreito de Bering a pé, quando ele congelou. Não sei se acredito nisso, mas antigamente era assim. Se desse na cabeça, era só sair andando. Não haveria nenhuma porcaria de exército vigiando essa coisa inventada de fronteira.

Não gosto da idéia de países. De regionalismos em geral. Não gosto dos pontos de vista bairristas. Sabe, aquele cara que valoriza um artista porque é da sua cidade. Prefiro valorizar os artistas cujas obras eu realmente gosto. O John Lennon, lá de Liverpool, é um dos meus preferidos.

Imagine os americanos patrulhando suas fronteiras com o México. Podia ser qualquer país, mas imagine os americanos. Não sei se parece absurdo só pra mim, mas por que eles podem morar ao norte dali e as pessoas que moram ao sul não? Alguns poderiam dizer que é porque os americanos já nasceram lá, e os mexicanos não. Mas o que prende uma pessoa ao local onde ela nasce? E por que ela pode mudar de cidade e não de país? Por que um exército pode matar por isso? Passaporte sempre me soou uma forma de controle patética. É tudo terra, matéria, átomos, vidas.

Será que uma pessoa é obrigada a passar a vida toda em um lugar, mesmo que não lhe agrade? E se você nascer em um lugar ruim, então será obrigado a passar toda a maldita vida naquele lugar ruim? Isso não é problema meu, diria o cara que nasceu num bom lugar. Então, seu azarado, sofra aí na pobreza à qual você pertence!, ele completaria. Mas eu não penso assim. É que tenho concepções meio universais. Na minha cabeça, qualquer um poderia ir pra onde bem entendesse e conseguisse. Eu, se pudesse, ia pra Vênus, só pra saber como era, depois voltava.

### IV. BABY

Eu estava meio apaixonado quando escrevi a letra de uma canção na qual um verso inteiro era só com a repetição da palavra “baby”. Na hora, me pareceu bastante intuitivo e verdadeiro.

Dias depois, estava discutindo com um amigo sobre “With A Little Help From My Friends”. Ele preferia a versão do Joe Cocker. Eu, é claro, a dos Beatles. Acho que o Joe Cocker até consegue colocar muita emoção na voz e tudo, sim, ele é o tipo de cara que consegue, mas acho que ele se perde na melodia, ou põe a melodia a perder, fica

arrastada demais. E melodia costuma ser o que mais gosto numa música. E foi bem o amigo que disse preferir a versão do Joe Cocker que me ensinou que uma música é composta de melodia, harmonia e ritmo. Bem, talvez ele prefira a melodia deformada do Joe Cocker, eu até entendo. Mas prefiro de longe o Ringo cantando. Mas isso ele não entende.

Eu quis mostrar que não estava dizendo aquilo apenas por fanatismo aos Beatles. Tentei encontrar nos meus arquivos cerebrais alguma regravação de música do Fab Four que eu gostasse mais do que da canção original. Bem, o que cheguei mais perto disso foi a versão de "Ticket To Ride", com os Carpenters. Eu gosto bastante. Fomos ouvi-la e esse meu amigo parece não ter gostado muito. Ele ia chamar a versão de artificial, mas hesitou. Bem, isso foi estranho porque ele não é do tipo que hesita em dar uma opinião.

Desde esse dia, comecei a ouvir Carpenters compulsivamente. O apreço, o cuidado que eles têm com a melodia me encanta. Gosto do jeito como a Karen canta. E gosto de suas canções. Principalmente daquela chamada "Superstar". Fiquei ouvindo horas a fio. Foi só então que percebi que no refrão dela há um verso que também é formado só pela repetição da palavra "baby". É, talvez eu tenha (inconscientemente) apenas copiado os Carpenters naquela minha canção. Mas acho que não tem muito problema. Todo mundo escreve "baby" nas músicas mesmo.

Aí, lembrei da versão do Sonic Youth para essa música. A primeira vez que ouvi foi numa vinheta da MTV, uma coisa meio maluca, que me lembrou cenas do filme Laranja Mecânica. Ninguém sabia me dizer que música era aquela, e o Google ainda não era tão difundido, e eu então mandei um email pra MTV perguntando, e uma moça muito simpática me respondeu. Foi uma coisa bacana mesmo. A MTV que o Caetano chama de EME-TÊ-VÊ. Mas, se fosse pra apertuguesar, tinha que ser TÊ-VÊ-EME. Se tem uma coisa que eu acho patética é alguém ter a pretensão de corrigir algo e cometer outro erro na correção.

Mas eu adoro o Caetano. Pra mim, um dos maiores artistas nascidos aqui no Brasil. Eu sei que eu não moraria no coração dele, por não gostar do João Gilberto, mas fazer o quê? Fingir que gosto só pra agradar o Caetano e os meus amigos que acham que sabem tudo de música? Tive um amigo bicho grilo na faculdade que me criticou por cantar uma música em inglês. Ele disse pra eu cantar algo de um artista nacional. Como ele também era fã do Caetano, eu cantei "You Don't Know Me". Pra mim, uma preciosidade de música!

Estava ouvindo-a na rádio um dia desses. Mas não era uma dessas rádios xenóforas que só tocam coisas nacionais. Eles tocam muita música boa, independente da etnia. Depois tocou uma música com a Adriana Calcanhoto, que ficou famosa com a Carmem Miranda, quando ela voltou ao Brasil depois do sucesso nos Estados Unidos. A música foi uma resposta às críticas sobre ela ter voltado americanizada. Sabem de que

música estou falando, né? Acho a letra meio “assim, assim”, mas com certeza foi uma maneira bem original de rebater esse tipo de crítica idiota.

Terminou “Disseram Que Eu Voltei Americanizada”, com a Adriana, e eles tocaram um jingle da rádio, que era uma versão especialmente editada de Baby, dos Mutantes. Bem, a música é do Caetano, mas as duas versões que foram usadas no jingle da rádio eram dos Mutantes. Começava com a versão em inglês, aí, durante o refrão, enquanto a Rita cantava “baby”, o narrador falava algo como: “não importa o idioma, a rádio tal toca de tudo”. Aí, depois que ele falava isso, começava a tocar a versão em português, exatamente de onde a outra versão tinha parado. Gostei disso. De uma rádio sem preconceitos lingüísticos. Foi então que comecei a ouvi-la sempre.

Teve uma vez que tocou uma música que eu não conhecia, mas aquela voz e aquele jeito de cantar eram inconfundíveis para mim. Era o Belchior. Ele é o tipo de cantor que por mais que você não conheça a música, vai sempre saber que é ele cantando. Novamente, alguns podem se assustar por eu gostar do Belchior. Você sabe, por todas aquelas minhas coisas de roqueiro que eu já disse antes. Mas a música era bem boa (depois eu descobri que se chama “Coração Selvagem”), e ele cantava “meu bem” de uma forma muito legal. Eu ouvia e era exatamente como os americanos cantam “baby”. Fiquei a música inteira pirando nisso, em como o Belchior é um cara bacana por cantar “meu bem” em vez de “baby”! E quase dava pulinhos de satisfação quando ele dizia: “meu bem”. Aí, no final da música ele fica cantando o seguinte verso: “Oh! meu bem, que outros cantores chamam baby”.

Eu ri muito sozinho! Quem acreditaria que eu já havia sacado, antes de ouvir aquele verso final, que o lance do “meu bem” era soar como o “baby” que os outros cantores cantam? Ah, nem ligo se ninguém acreditar. Sou do tipo que não liga se ninguém acreditar que eu saquei uma obviedade antes mesmo dela ser óbvia. Mas esse Belchior é mesmo um compositor cheio de sacadas. Tem aquela música dele, “Comentário A Respeito De John”, que é uma referência ao John Lennon, assim como o criticado John do meu livro também é. E na música o Belchior ora usa João, ora usa John. Se você não conhece, é assim: “João, o tempo andou mexendo com gente. Sim! John, eu não esqueço Oh! A felicidade é uma arma quente!”. “Happiness Is A Warm Gun” é uma das minhas canções favoritas dos Beatles.

E todo esse papo de ser americanizado me fez lembrar aquela outra música famosa do Belchior, “Apenas Um Rapaz Latino-Americano”, “sem dinheiro no banco, sem parentes importantes, e vindo do interior”.

Eu sou.

## V. QUANTA CRUELDADE!

Eu tive uma amiga americana uma vez. Ela dizia que eu era doce e um dos seus melhores amigos. Aprendi a gostar de Pepsi com ela, e a beber Coca sempre com gelo. Quando ela ficou numa pior, sem ter onde morar e nem o que comer, eu a deixei ficar no meu quarto por uns tempos, que foram meses. E um dia ela se mandou. Ela era bem desse tipo que diz que a gente é doce, e depois se manda do nada. Aí, notei que mais da metade dos meus CDs (a maioria de bandas inglesas) havia sumido também. Tempos depois, encontrei com essa suposta amiga na rua. Ela fez que estava tudo bem entre nós, me cumprimentou amistosamente e tudo, mas eu sou do tipo que não consegue dissimular uma coisa dessas, e perguntei à queima-roupa se ela havia roubado os meus CDs. Ela disse que não e, na hora, eu acreditei. Eu estava olhando dentro dos olhos dela, e acreditei (na hora). Teria acreditado pra sempre, não fosse por dias depois eu ficar sabendo que ela havia roubado outras pessoas também, e que essas pessoas a ameaçaram e ela voltou para os Estados Unidos fugida.

Americanos são capazes de mentir olhando nos olhos da gente. Mas quando pensei isso, lembrei de todas as pessoas que já haviam mentido pra mim olhando nos meus olhos, a maioria brasileira (o que pode ser explicado por eu viver no Brasil). Mas teve aquele garoto paraguaio uma vez! Ele e a mãe dele! Aquela sim foi uma mentira que me doeu. Disseram que me dariam um presente e quando fui buscar o presente não estava mais lá. Haviam dado pra outra pessoa! Mas era uma coisa que eu queria tanto! Tanto! Nem sei dizer quanto! Paraguaios também sabem ser cruéis.

Mas tem um amigo meu que diz que tudo o que nós, brasileiros, sofrermos dos paraguaios ainda será pouco, pra pagar as atrocidades da Guerra do Paraguai. Mas se tem uma coisa que me tira do sério é essa das pessoas acharem que os descendentes devem pagar pelos erros dos ascendentes. Às vezes, quando leio “Romeu e Julieta”, chego a socar o travesseiro em que estou deitado. É muita crueldade. Além do quê, sempre que leio, tenho vontade de escrever mil romances com tramas parecidas, mas com soluções muito mais inventivas. As soluções inventivas para os problemas mais complicados são as coisas que mais gosto nas estórias.

Quando li o “Apanhador no Campo de Centeio”, dava vontade de estar em Nova York naquele fim de semana, não pelo João Gilberto, mas pra ter batido um papo com o Holden. Sei lá, me deu vontade. Achei que nem tudo precisava ser podre, destrutivo e sombrio daquele jeito. Todos ao redor pareciam tão cruéis. E tudo trazia certa perversidade. Mas acredito que nem sempre é assim. Poderíamos nos sentar num banco do Central Park e ficar divagando por horas sobre o que acontecia no inverno com os patos que ficavam no lago. Se há uma coisa que me faz perder a noção do tempo é sentar em algum lugar e ficar conversando sobre coisas que as pessoas geralmente não

conversam. Talvez ele me achasse um cara gente fina, ou talvez apenas mais um filho da mãe metido a intelectual. Talvez as duas coisas. Pensando bem, acho que ele me odiaria.

## VI. POR QUE HOLDEN CAULFIELD ME ODIARIA

- Porque eu era um nerd na escola;
- Porque eu gosto de cinema;
- Porque eu gosto de poesia;
- Porque eu digo “por favor”;
- Porque eu tenho malas ordinárias (baratas, de má qualidade, ou coisa que o valha);
- Porque eu sou um veado, de cabelo comprido e tudo;

## VII. POR QUE EU ODIARIA HOLDEN CAULFIELD

- Porque eu não gosto de pessoas homofóbicas;
- Porque eu me canso um pouco das pessoas que sempre odeiam tudo;
- Porque eu não me sinto à vontade conversando com pessoas com bafo de pinga, ou coisa que o valha;
- Porque eu não gosto de riquinhos que se dizem desapegados, que odeiam a falsidade e hipocrisia da burguesia, mas seguem na vida boa, sem ralar pra conseguir as coisas, vivendo às custas dos pais.

## VIII. OU COISA QUE O VALHA

Um dia, quando dei por mim, estava escrevendo poemas em inglês. Não que eu tivesse essa intenção, que fosse algo planejado. Não que eu tenha feito nenhuma porcaria de curso de inglês ou coisa que o valha. Eu apenas tive essa disciplina no colégio desde a quinta-série, como algo imposto pelo estado brasileiro. Mas era porque eu passava as tardes traduzindo as letras das músicas que eu gostava (a maioria de bandas inglesas). A letra de “I Am The Walrus”, dos Beatles, me levou dias na busca por uma tradução compreensível. Foi quando percebi que ela só fazia sentido por completo se fosse entendida em inglês mesmo. “Cara, você deveria tê-los visto chutando Edgar Allan Poe. Eu sou ele como você é ele como você sou eu e nós somos todos juntos”.

Você sabe, como toda criança alienada, eu tinha um sonho nada modesto. Eu queria ser um astro do rock, ou coisa que o valha. E comecei a fantasiar bandas

imaginárias, com discografia e tudo, com shows, com crises, com entrevistas e essas coisas de banda. Mas eu nunca fui um bom instrumentista, e minha voz não é lá muito boa. O que me sobrava então era escrever as letras. Foi mais ou menos assim que comecei a escrever em inglês, embora tenha sido tudo intuitivo. E embora as bandas que me influenciavam fossem britânicas, foi daí que surgiram algumas das primeiras críticas sobre eu ser americanizado. Foda-se! (O Holden também ia me odiar por escrever isso). Estou mais preocupado com o que quero dizer do que com em que língua eu vou dizer. Se eu soubesse escrever em japonês, eu juro que escrevia um poema em japonês! No duro.

O Pato Fu tem músicas com letras em português, inglês, espanhol, japonês, francês, tem até português de Portugal e caipirês. Alguém mais consegue ver a língua como um acréscimo, e não como um fator limitante?

Gosto de fazer as coisas mais variadas o possível. Pra não cair no vácuo da chatice, ou coisa que o valha. A variedade sempre me atraiu mais. Sou meio de fases, sabe. Posso passar períodos inteiros fazendo só um tipo de coisa, ou então fazendo as coisas mais malucas, ou mesmo não fazendo nada. Sempre digo que me mimo muito. Sendo eu a minha própria babá, acabo me permitindo fazer tudo o que quero, e também não fazer algo que eu porventura não queira fazer. Soa bonito a princípio, soa livre, mas isso nem sempre é bom. Às vezes, sinto falta de um pouco de autodisciplina. No duro. Mas, a maior parte de tempo, eu apenas enrolo mesmo, ou coisa que o valha.

## IX. E NADA MAIS

Disseram que eu sou americanizado...

E eu nasci na América

Do sul.

Nada demais.

Passo a maioria dos meus dias trancado no meu quarto, com os Beatles.

Nem uma visita vem bater à minha porta.

Dias inteiros sem pronunciar palavra alguma.

Nem menos, nem mais.

Meus amigos dizem que eu preciso sair mais de casa.

Mas o pior é que sempre saio, e é sempre a mesma coisa:

É sempre solitário no fim.

Nada a mais.

Parece que ontem mesmo eu cheguei das férias de janeiro,

E hoje já é quase fim do mês de agosto.

Isso me assusta, o tempo voando, esse corvo perdido,

Que não volta atrás.  
Talvez eu ache que escrever seja uma maneira de driblar a morte,  
De ficar um pouco vivo nas idéias escritas.  
O tempo é voraz.  
Alguns amigos me dizem pra escrever apenas em português,  
Mas escrevo no idioma que me der na telha.  
No final das contas, isso nem importa,  
Não mais.  
De noite, sozinho,  
Olho pela janela do meu quarto  
E tudo o que vejo é solidão.  
Só a noite e nada mais.  
É inverno aqui no hemisfério sul.  
E está um bocado frio por esses dias.  
O vento corta, o sol não esquenta,  
As madrugadas solitárias,  
E nada mais.  
Meus amigos que me dizem coisas demais,  
E me deixam pensativo demais,  
E a esperança me deixando pra trás.  
Um piscar de olhos  
E nunca mais.